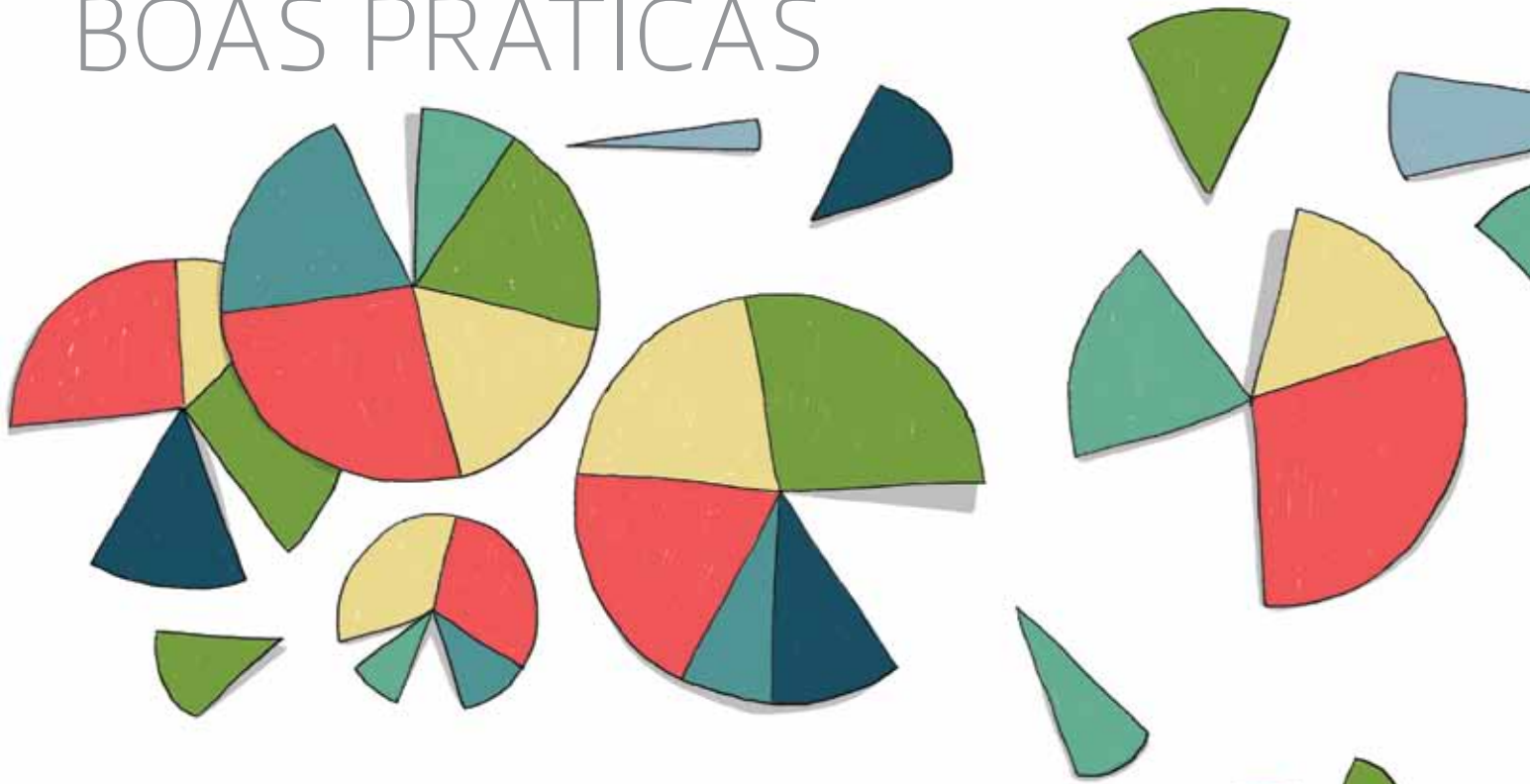


BOAS PRÁTICAS



Legado acadêmico contestado

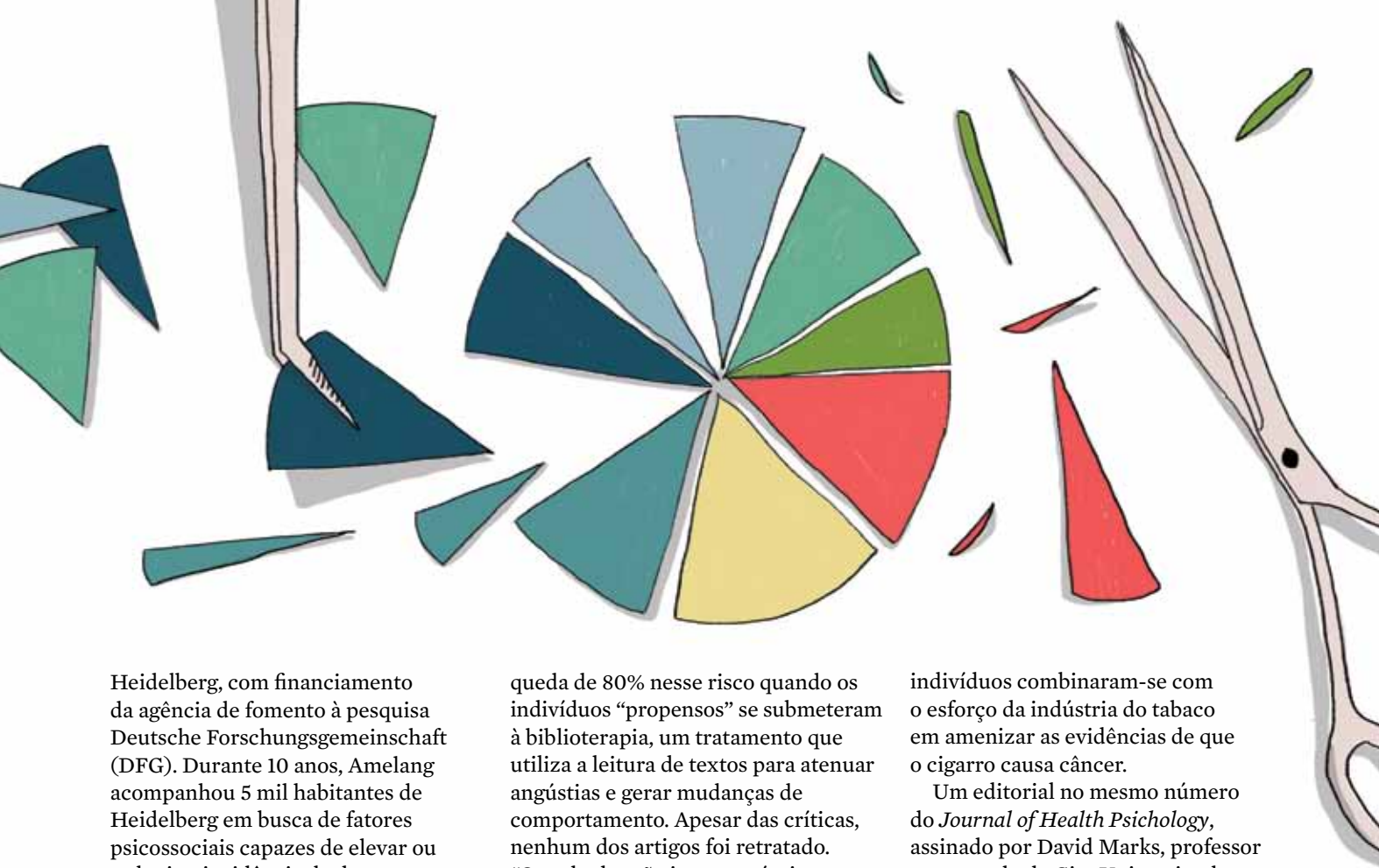
King's College afirma que trabalhos de um de seus mais proeminentes pesquisadores, morto há 22 anos, não têm resultados confiáveis

Hans Jürgen Eysenck (1916-1997), psicólogo alemão que fez carreira no Reino Unido, é reconhecido por seus trabalhos sobre inteligência e personalidade desenvolvidos principalmente no período de 28 anos em que trabalhou como pesquisador do Instituto de Psiquiatria do King's College London. Autor de 80 livros e mais de mil artigos científicos, seu prestígio sobreviveu a uma série de controvérsias em que se envolveu, como quando buscou abertamente o financiamento da indústria do tabaco para pesquisas ou apresentou dados sugerindo que negros e imigrantes teriam quociente de inteligência inferior ao dos brancos nos Estados Unidos. Em um ranking dos 100 mais eminentes psicólogos do século XX publicado em 2002 na revista *Review of General Psychology*, ele foi classificado em 24º lugar – a lista era encabeçada por B. F. Skinner, Jean Piaget e Sigmund Freud e a contribuição de cada um deles foi medida com base em citações de suas obras em artigos científicos e livros de referência.

Pois agora, 22 anos após a morte de Eysenck, uma parte polêmica de seu legado científico foi desqualificada em um relatório produzido por um

comitê de investigação do King's College, que se debruçou sobre 25 *papers* publicados entre 1988 e 2000 assinados pelo psicólogo e seu colaborador Ronald Grossarth-Maticek, da Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Segundo o relatório, divulgado em outubro pelo site Retraction Watch, os resultados desse conjunto de artigos não são confiáveis. Os trabalhos são vinculados a um programa de pesquisa que investigava como traços específicos de personalidade tornavam indivíduos propensos a ter câncer e doenças cardiovasculares e apresentava tratamentos capazes de reduzir esse risco. O comitê do King's College não conseguiu obter os dados brutos que fundamentam os artigos, extraídos de estudos populacionais que acompanharam por períodos de 15 a 20 anos mais de 30 mil indivíduos na extinta Iugoslávia, nos anos 1960 e 1970, e em Heidelberg, nos anos 1970 e 1980. Também não encontrou referências sobre a existência de protocolos ou relatórios de comitês de ética sobre os trabalhos.

Dessa forma, o comitê concentrou sua análise em tentativas de reproduzir os resultados realizadas a partir dos anos 1990 pelo psicólogo alemão Manfred Amelang, da Universidade de



Heidelberg, com financiamento da agência de fomento à pesquisa Deutsche Forschungsgemeinschaft (DFG). Durante 10 anos, Amelang acompanhou 5 mil habitantes de Heidelberg em busca de fatores psicossociais capazes de elevar ou reduzir a incidência de doenças cardiovasculares. Entre os seis tipos de personalidade classificados por Eysenck, não foi encontrada nenhuma correlação com doenças. Em apenas em um deles foi detectada uma variação, descartada posteriormente por falta de significância estatística.

O argumento central do relatório, contudo, é que os resultados de Eysenck e Grossarth-Maticek não são plausíveis. E já não eram quando foram apresentados, tanto que foram duramente contestados. As críticas e suspeitas levantadas na época haviam sido resumidas em um artigo publicado em 1992 no *British Medical Journal* por dois psiquiatras: Anthony Pelosi, professor da Universidade de Glasgow, e Louis Appleby, ex-diretor nacional de saúde mental do governo do Reino Unido. No artigo, a dupla apontava omissões e incoerências, como a descrição vaga das metodologias adotadas e a seleção enviesada de dados, e mostrava que alguns resultados eram inverossímeis, como o que apontou risco de morte de câncer 100% superior para indivíduos “emocionalmente reprimidos” em relação a um grupo de controle e à

queda de 80% nesse risco quando os indivíduos “propensos” se submeteram à biblioterapia, um tratamento que utiliza a leitura de textos para atenuar angústias e gerar mudanças de comportamento. Apesar das críticas, nenhum dos artigos foi retratado. “Os achados são incompatíveis com a moderna ciência clínica e com a compreensão sobre os processos das doenças”, diz o relatório, que foi encaminhado aos 11 periódicos que publicaram os artigos, entre os quais o *Psychological Reports*, da editora Sage, e o *Behaviour Research and Therapy*, da Elsevier.

A decisão do King’s College de reavaliar os trabalhos de seu eminente pesquisador ocorreu no início do ano, depois que Anthony Pelosi, o psiquiatra que apontou as incoerências em 1992, escreveu um artigo no *Journal of Health Psychology* no qual revisitou os problemas e apresentou documentos inéditos mostrando como a indústria do tabaco, além de patrocinar diversos estudos de Eysenck, também financiou os estudos populacionais de Grossarth-Maticek em Heidelberg. Em 1965, Eysenck foi um dos pesquisadores que questionaram as primeiras evidências de que cigarro causa câncer no pulmão. Pelosi sugere que houve uma união de interesses, em que as teorias de Eysenck sobre a influência de traços de personalidade na saúde dos

indivíduos combinaram-se com o esforço da indústria do tabaco em amenizar as evidências de que o cigarro causa câncer.

Um editorial no mesmo número do *Journal of Health Psychology*, assinado por David Marks, professor aposentado da City University de Londres, conclamou o King’s College e a British Psychological Society a investigar a produção científica de Eysenck. Segundo Marks, os dados obtidos são tão distantes de distribuições estatísticas consideradas consistentes que só podem ser produto de erro. “Caso os dados fossem comprovados, o que nunca acontecerá, os dois pesquisadores poderiam ser canonizados como São Hans e São Ronald por operarem milagres. Para sua eterna vergonha, as tentativas de Eysenck de desacreditar laços causais bem estabelecidos entre tabagismo e câncer ao receber grandes somas da indústria do tabaco são um dos enganos mais vergonhosos cometidos por um cientista no século XX.” Ronald Grossarth-Maticek, hoje aposentado da Universidade de Heidelberg, anunciou que irá processar Pelosi e Marks por calúnia. Segundo ele, não se pode dizer que houve tentativas efetivas de reproduzir os resultados que ele e Eysenck obtiveram, porque os experimentos realizados não adotaram métodos idênticos. ■ Fabrício Marques

Duas faces da excelência

O Wellcome Trust, fundação de apoio à pesquisa biomédica sediada em Londres, lançou duas iniciativas voltadas para gerar conhecimento sobre o comportamento dos cientistas e o ambiente em que eles trabalham. Em uma das frentes, convidou pesquisadores a preencherem um questionário on-line, com perguntas sobre as condições de trabalho e as relações com colegas e superiores, além de tópicos sensíveis como bullying e saúde mental. O objetivo é compreender até que ponto a busca contínua da excelência, que orienta a seleção e a avaliação de projetos por agências de fomento e é pré-requisito para fazer ciência de qualidade, também fomentaria uma cultura de rivalidade e hostilidade, com impacto na vida pessoal e na carreira de estudantes e pesquisadores.

“As pessoas me relatam casos de supercompetição destrutiva, dinâmicas de poder tóxicas e comportamentos falhos de líderes, tendo como consequência a deterioração do bem-estar dos pesquisadores”, escreveu o médico Jeremy James Farrar, diretor do Wellcome Trust, em um texto no blog da instituição. “Com base nesses pontos de vista, vamos trabalhar com a comunidade científica para criar metas ambiciosas que aperfeiçoem a cultura de pesquisa e encorajar outras agências financiadoras a se juntarem a nós”, informou Farrar. Os resultados obtidos na consulta servirão de base para um relatório com sugestões para tornar mais amigável o ambiente nos laboratórios e universidades, sem prejuízo da excelência.

A segunda iniciativa é a criação de um consórcio de pesquisadores de várias instituições dedicado a investigar culturas e políticas científicas. O Research on Research Institute (RoRI) ficará sediado no Wellcome Trust



em seus dois primeiros anos de atividade e é uma parceria da organização com as universidades de Sheffield, no Reino Unido, e Leiden, na Holanda, e a empresa Digital Science. “No mundo inteiro, cresce o interesse em saber como a pesquisa é financiada, produzida e avaliada e como os sistemas de pesquisa podem se tornar mais eficientes,

abertos, inclusivos e impactantes”, disse James Wilsdon, professor da Universidade de Sheffield e diretor do novo instituto, resumindo as ambições do órgão. Entre os focos do RoRI estão contemplados estudos sobre atitudes positivas e negativas no ambiente de trabalho dos pesquisadores e a investigação das causas de suas angústias.

De bom a mau exemplo

A revista *Nature* decidiu revogar um prêmio que concedera em 2017 ao bioquímico espanhol Carlos López-Otín em reconhecimento a seu trabalho como mentor de jovens pesquisadores, depois que nove artigos de seu grupo de pesquisa da Universidade de Oviedo foram retratados por evidências de manipulação de imagens. Logo após a premiação, trabalhos em que López-Otín era coautor foram alvo de denúncias no site PubPeer, um fórum na internet que permite a qualquer usuário discutir e apontar erros em *papers* já publicados. A *Nature* reagiu abrindo uma investigação sobre 98 artigos do grupo publicados

entre 2012 e 2019 e encontrou problemas nas imagens em 18 deles. Os editores da *Nature* e os jurados do prêmio analisaram os casos de manipulação e concluíram que López-Otín, por ser o autor correspondente de nove dos *papers*, teve um comportamento incompatível com a mentoria de alta qualidade distinguida pelo prêmio. Segundo declaração assinada por Magdalena Skipper, editora-chefe da *Nature*, e Philip Campbell, editor do grupo Springer-Nature, a revogação do prêmio não implica juízo sobre a validade dos resultados dos trabalhos de López-Otín, que não foram objeto da investigação.